



GT01 – ATUALIDADE DO TRABALHO DOCENTE NO ENSINO DE SOCIOLOGIA

**TECNOLOGIAS DIGITAIS E A INTENSIFICAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE NA
UNIVERSIDADE**

TÁSSIO DE SOUZA DAMASCENO – UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
DENISE MACHADO CARDOSO – UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
LORENA TAMYRES TRINDADE DA COSTA – UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PARÁ

BELÉM
2017

RESUMO

É inegável a presença cada vez maior de tecnologias digitais em diversos setores da sociedade. No campo da educação, muito se fala dos benefícios do uso dessas ferramentas para potencializar a aprendizagem, por outro lado pouco se discute sobre os efeitos da inserção dessas tecnologias na rotina de trabalho dos docentes nas universidades. A partir do olhar da Sociologia Contemporânea aliada ao diálogo com outras áreas importantes do conhecimento como a Antropologia e a Comunicação, este trabalho tem como objetivo: mostrar como vem ocorrendo o processo de introdução dessas novas tecnologias na universidade e como isso contribui diretamente para o processo de intensificação do trabalho docente na atualidade. A metodologia utilizada para alcançar o objetivo exposto nesse trabalho foi constituída de três técnicas de pesquisa: o levantamento bibliográfico, a netnografia e a pesquisa de campo (na qual foram utilizados instrumentos como roteiro de entrevista semiestruturada, observação participante e registro em diário de campo). A partir do estudo do caso específico do curso de Ciências Sociais, na UFPA, pretendo colaborar para a construção de um panorama mais geral de discussões acerca das novas tecnologias digitais no ensino superior presencial e suas consequências para o trabalho docente, considerando as dificuldades e vantagens encontradas no processo de inserção e adaptação à essas novas tecnologias.

PALAVRAS-CHAVES: Tecnologias Digitais; Intensificação do Trabalho Docente; Universidade.

ABSTRACT

The increasing presence of digital technologies in various sectors of society is undeniable. In the field of education, much is said about the benefits of using tools to leverage learning, on the other hand, it is discussed about the effects of the insertion of technologies into the work routine of teachers in universities. From the perspective of Contemporary Sociology, coupled with dialogue with other important areas of knowledge such as Anthropology and Communication, this paper aims to show how it has been occurring in the process of introducing new technologies in the university and how this contributes directly to the process of Intensification of teaching work today. A methodology used to achieve the objective, the bibliographical survey, a netnography and a field research, such as observation and recording in field diary. From the study of the specific case of the Social Sciences course at UFPA, I intend to collaborate to build a more general panorama of discussions about new digital technologies in face-to-face higher education and its consequences for teaching work, considering the difficulties and avatars Found in the process of insertion and adaptation to these new technologies.

KEYWORDS: Digital Technologies; Intensification of Teaching Work; University.

INTRODUÇÃO

Uma das maiores características da contemporaneidade sem dúvidas é a presença cada vez maior de tecnologias de informação e comunicação (TICs)¹ em vários setores da nossa sociedade. Nas últimas décadas com a difusão da internet e a rapidez das inovações tecnológicas houve um processo crescente do uso dessas novas tecnologias por parte dos indivíduos para exercerem diversas atividades do dia-a-dia (se comunicar, estudar, trabalhar, comprar). A integração dessas tecnologias digitais no nosso cotidiano vem contribuindo diretamente para um processo de ressignificação/remodelação de muitos dos nossos hábitos, valores e costumes – criando novas formas de sociabilidade, reconfigurando a cultura contemporânea.

Deste conjunto de descrição, se destaca com grande evidência os estudos realizados por Manuel Castells (2016), apresentando em seu livro “Sociedade em rede” uma importante contribuição para o debate sobre a morfologia social das sociedades de tecnologia avançada neste século. Na sociedade em rede, a informação e o conhecimento tornam-se matérias-primas essenciais para o processo de desenvolvimento capitalista. A partir desse contexto de valorização da informação e do conhecimento aliada a uma série de políticas neoliberais para a educação, as Instituições de Ensino Superior (IES) passam a ser vistas como locais de extrema importância para o desenvolvimento de novas tecnologias, de produção de conhecimento científico, além é claro, de formação de mão-de-obra qualificada para o mercado de trabalho (HARVEY, 2004; VESCE, 2008).

Ao longo dos últimos anos, a inserção de TICs nos ambientes acadêmicos vem reconfigurando esses espaços, os processos de trabalho, de sociabilidades e de troca de saberes e conhecimento entre os indivíduos. Em relação ao trabalho docente, essas ferramentas têm gerado consequências diretas na execução de seus

¹ Tecnologias de Informação e Comunicação, chamadas abreviadamente de “TIC”, são todas as tecnologias que interferem e mediam os processos de informação e conhecimento entre os seres humanos. No caso deste trabalho, o que chamo de “TICs” são as novas tecnologias digitais e informáticas (computadores, notebooks, tablets, aparelhos celulares) que tem como uma das várias funções, o acesso á internet.

trabalhos. Passa-se a cobrar melhor formação técnica e pedagógica dos professores, além de renovação nos métodos e práticas de ensino desses profissionais para que eles estejam aptos/preparados para lidar com essa nova realidade da sociedade.

Se por um lado, as TICs potencializam o processo de educação e de construção do conhecimento, por outro, essas novas tecnologias aliada a lógica capitalista da produtividade que vem adentrando as universidades, acelera o tempo de trabalho do docente, exerce maior controle sobre o seu trabalho, atribui mais funções para ele desempenhar, tudo isso acaba contribuindo de forma direta para um processo de precarização e intensificação do trabalho docente. Muito se ressalta a importância dos docentes estarem atualizados e conectados o tempo inteiro, mas pouco é abordado sobre as cobranças cada vez maiores que esses sujeitos sofrem no dia-a-dia dentro da academia e das consequências de estar conectado ao ciberespaço por intermédio das TICs o tempo inteiro.

Tendo esses fatores em mente, este artigo tem como objetivo: **mostrar como vem ocorrendo o processo de introdução dessas novas tecnologias na universidade e como isso contribui diretamente para o processo de intensificação do trabalho docente na atualidade.**

NOVAS TECNOLOGIAS, POLÍTICAS PÚBLICAS E A UNIVERSIDADE

Quando se trata de novas tecnologias, diversas abordagens são dadas com enfoques diversos. Dentre essas, se destacam as obras de Manuel Castells e Pierre Lévy, na qual ambos os autores trazem uma importante contribuição para a compreensão da sociedade contemporânea permeada pelas novas tecnologias de informação e comunicação. Castells (2016) aborda o conceito de “Informacionalismo” mostrando desdobramentos dos aspectos econômicos e sociais desse novo paradigma que tem como base as tecnologias da informação. Já Lévy (2010) nos traz o conceito de “Cibercultura” onde através de uma abordagem mais antropológica, mostra como a interconexão mediada pelas novas tecnologias

configura o ciberespaço², que por sua vez, traz reflexos diretos para a vida dos indivíduos remodelando muitas das nossas práticas sociais e culturais.

Em “A sociedade em rede”, Castells (2016) nos mostra

[...] o surgimento de uma nova estrutura social, manifestada sobre várias formas conforme a diversidade de culturas e instituições em todo o planeta. Essa nova estrutura social está associada ao surgimento de um novo modo de desenvolvimento, o informacionalismo, historicamente moldado pela reestruturação do modo capitalista de produção, no final do século XX (CASTELLS, 2016, p. 72).

Alguns teóricos da área da comunicação também falam de um novo estágio da cibercultura neste início de século, um processo de evolução que se caracteriza com a popularização da internet móvel e das novas tecnologias que possibilitam que os indivíduos estejam ainda mais conectados, já que agora não precisam ficar fixos em um local para adentrar o ciberespaço. Essa nova fase da cibercultura provoca profundas mudanças na configuração do espaço e do tempo e é classificada como a “Era da Conexão” ou “Cultura da Mobilidade” (SANTAELLA, 2008; LEMOS, 2009).

A cultura da mobilidade entrelaça questões tecnológicas, sociais, antropológicas. Para a comunicação, a mobilidade é central já que comunicar é fazer mover signos, mensagens, informações, sendo toda mídia (dispositivos, ambientes e processos) estratégias para transportar mensagens afetando nossa relação com o espaço e o tempo (LEMOS, 2009, p. 28).

Essas mudanças refletem uma “[...] hipercomplexidade cultural e comunicacional das sociedades contemporâneas [...]” (SANTAELLA, 2008, p. 95). Estamos cada vez mais inseridos no ciberespaço, cada vez mais nos organizando em rede, trabalhando com o auxílio de novas tecnologias, ampliando nosso poder de comunicação e de acesso à informação e conhecimento. Isso por sua vez gera uma variedade de implicações positivas e negativas para diversas áreas da sociedade.

Segundo Vesce (2008), todo esse processo de “[...] mudanças [...]” interferem diretamente nas várias instâncias sociais e nas Universidades de maneira especial

² Pierre Lévy classifica o Ciberespaço da seguinte forma: “O Ciberespaço (que também chamarei de “rede”) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo “cibercultura”, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”. (LÉVY, 2010, p. 17)

por serem contextos de formação profissional e difusão de saberes e fazeres” (p. 2131). O capitalismo flexível e suas exigências de reestruturação mercadológicas acabaram exigindo também uma grande reestruturação educacional. Em meio a tudo isso, qual é o atual papel das Universidades nesse contexto?

Segundo Harvey (2004):

O acesso ao conhecimento científico e técnico sempre teve importância na luta competitiva; mas também aqui, podemos ver uma renovação de interesse e de ênfase, já que, num mundo de rápidas mudanças de gostos e necessidades e de sistemas de produção flexíveis (em oposição ao mundo relativamente estável do fordismo padronizado), o conhecimento da última técnica, do mais novo produto, da mais recente descoberta científica, implica a possibilidade de alcançar uma importante vantagem competitiva (p. 151).

Dessa forma, as instituições de ensino superior são vistas como verdadeiras empresas que seguem as lógicas do mercado no qual o conhecimento é tratado como um produto, uma mercadoria. Elas passam a serem organizadas e geridas com uma série de técnicas e valores empresariais, elas se tornaram núcleos fundamentais para esse processo do desenvolvimento capitalista. O conhecimento virou um produto de alto valor no mercado, sendo vendido para quem pagar mais. As universidades tornam-se “[...] guardiões do conhecimento e da sabedoria para produtores subordinados de conhecimento a soldo do capital corporativo” (HARVEY, 2004, p. 151).

[...] a educação passa a ser ressaltada como um elemento estratégico para o momento atual de desenvolvimento capitalista, vários organismos internacionais (BID, Bird, Unesco, Unicef) tem trabalhado no sentido de definição e estabelecimento de critérios e diretrizes políticas no plano educacional mais voltados [...], para os países considerados em desenvolvimento [...]. (FIDALGO; FIDALGO, 2009, p. 92).

Esses organismos internacionais vêm regendo reformas na educação, principalmente em países da América latina. A adoção das políticas neoliberais pelos governos latino-americanos, não aconteceram ao mesmo tempo e nem da mesma forma. No Brasil, mais especificamente, a introdução delas começaram a acontecer de forma sistemática a partir da década de 90.

Para Vesce (2008), as políticas neoliberais para a educação tem dois objetivos: o primeiro é de preparar mão-de-obra qualificada para ser inserida no mercado de trabalho, e o segundo é de transmitir os ideais neoliberais para os indivíduos. “Deste modo o processo educativo absorve a ideologia de organização social proveniente do modelo neoliberal como a busca da qualidade, a competição e o individualismo” (VESCE, 2008, p. 2137).

Através de um discurso modernizador articulado por organismos internacionais e a grande mídia (jornais impressos, televisão, rádio), muitos governos começaram a assumir a responsabilidade de introduzir novas tecnologias nos espaços de ensino (FIDALGO; FIDALGO, 2009). O problema é que isto está se dando de forma quantitativa, sem se atentar para os aspectos qualitativos desse processo. Dessa forma, as políticas de incentivo a modernização da educação, na maior parte das vezes, são baseadas apenas na introdução de TICs dentro dos espaços educacionais (sala de aula, sala de informática), sem se atentar que, para existir um verdadeiro salto qualitativo na educação é preciso agir conjuntamente com os profissionais da educação e qualificá-los, fornecendo formação técnica e pedagógica atualizada, para que eles estejam preparados para utilizar essas ferramentas e decidir a melhor forma de inseri-las no processo de ensino (KENSKI, 1999; LÉVY, 2010).

Essas reestruturações no trabalho docente visam o aumento da produtividade. Diversos órgãos avaliadores e reguladores da educação, através de uma série de diretrizes, vêm impondo uma espécie de ditadura da produtividade, onde é priorizada uma cultura do desempenho, de resultados finais, em detrimento de um processo educativo mais amplo, crítico e reflexivo. (FIDALGO; FIDALGO, 2009). A partir desse panorama iremos abordar como essa lógica produtivista que coloniza a educação na atualidade aliada à presença cada vez maior das novas tecnologias, vem afetando a figura do docente na execução de seu trabalho diário.

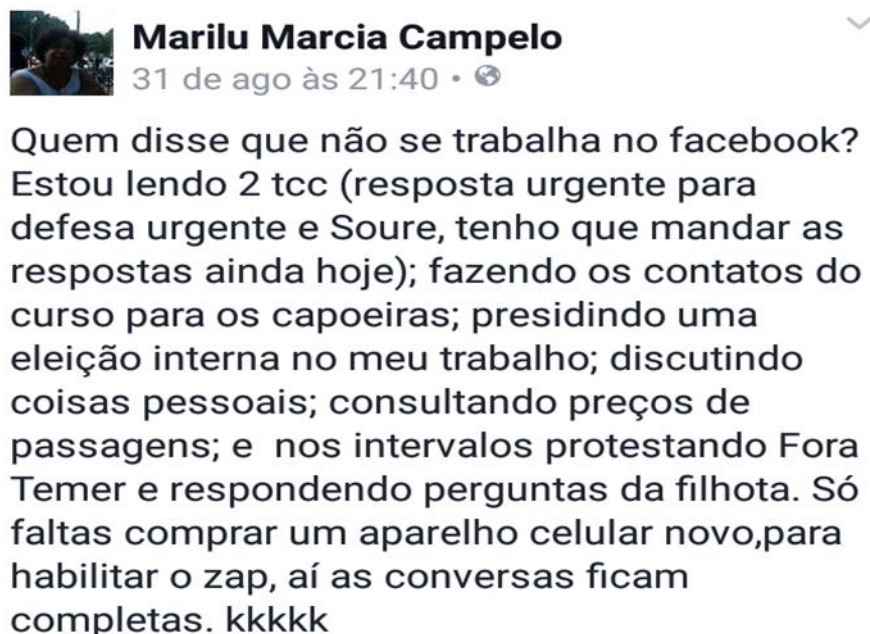
O PRODUTIVISMO ACADÊMICO E A INTENSIFICAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE

A partir do momento em que as Universidades passam a ser organizadas por meio de uma lógica de mercado, o trabalho do professor sofre uma série de mudanças que visam o aumento da produtividade e da flexibilização. Para atender as demandas de produtividade, faz-se necessário um intenso uso das novas tecnologias e da intensificação das jornadas de trabalho dos docentes. Nesse contexto, também há uma preferência por processos ditos flexíveis, ou seja, contratos temporários, subcontratação, trabalhos de meio período, terceirização, etc. (BAUMAN, 2001; 2013). Outra mudança significativa encontra-se na preferência de modelo de professor da atualidade: este deve ser polivalente, flexível, multifuncional.

Devido às cobranças para aumentar a produtividade, esses profissionais se veem cada vez mais pressionados para alcançar os índices necessários para obter o financiamento para suas pesquisas, publicar mais, orientar o maior número possível de alunos, etc. Assim, as TICs surgem teoricamente para auxiliar e facilitar esse trabalho. Para seduzir os trabalhadores a se submeterem a essas mudanças, o capitalismo vale-se do discurso tecnológico e da flexibilidade espaçotemporal que as novas tecnologias possibilitam para atrair os docentes a aceitar passivamente essas novas configurações na sua rotina de trabalho. Dessa forma, as tecnologias digitais ofertam a possibilidade dos professores realizar pesquisas, escrever trabalhos, orientar alunos de forma online. Tudo isso sem precisar se deslocar de um local a outro, gastando o mínimo de tempo possível.

As promessas que as novas tecnologias digitais trazem de mais qualidade de vida individual e social, de flexibilização do espaço e do tempo, de autonomia na escolha do horário e local para realizar parte do seu trabalho, e “de aumento do tempo livre, de mais tempo para convivência familiar” (Fidalgo e Mill, 2009, p. 209), na maior parte das vezes acabam não se materializando, pois na realidade, o que surge é a intensificação do trabalho docente, processo esse, que afeta diretamente não só a rotina de trabalho desse profissional, como também a sua vida individual/pessoal.

Figura 1 – postagem de docente em rede social.



Fonte: Imagem recolhida de rede social durante o período de realização da netnografia³ da pesquisa.

Precariedade é a palavra que melhor define o mundo do trabalho e da educação na contemporaneidade. Essa precariedade se materializa de diversas formas, entre elas, o progresso tecnológico aliado ao esforço de racionalização, que tendem a intensificar ainda mais as jornadas de trabalho. (BAUMAN, 2001). A intensificação do trabalho docente se caracteriza no aumento das tarefas desempenhadas por esses profissionais, na aceleração do ritmo de trabalho e do controle do seu trabalho por meio das novas tecnologias.

O trabalho do professor, à semelhança do que tem ocorrido no campo das organizações, vem recebendo as consequências do processo de reestruturação do setor produtivo e da diminuição do papel do Estado. Entre elas, destaca-se a adoção do paradigma da gestão flexível, que propaga a necessidade da formação de profissionais competentes, flexíveis e polivalentes (FIDALGO; OLIVEIRA; FIDALGO, 2009, pp. 16 – 17).

Autores como Lemos (2011) e Fidalgo e Fidalgo (2009), ressaltam as consequências do fato das universidades se submeterem a processos avaliativos de instituições financiadoras de pesquisa que pregam a concorrência e a meritocracia.

³ A netnografia é uma metodologia específica para estudos da Internet. Ela é um método interpretativo e investigativo para analisar o comportamento cultural dos indivíduos em comunidades on-line (AMARAL; NATAL; VIANA, 2008).

Para alcançar os critérios e níveis avaliativos tidos como excelentes, os docentes acaba se submetendo a uma lógica de mercado onde somente o mais forte (nesse caso, o mais produtivo) sobrevive e abocanha a maior parte dos recursos financeiros ocasionando assim, uma verdadeira guerra de interesses e disputas dentro do universo acadêmico entre esses sujeitos. Nesse luta para quem receberá mais recursos, a cooperação entre os cursos e as instituições acabam ficando de lado, e muitas vezes, simplesmente não existe.

Prega-se que a figura do trabalhador ideal é o profissional polivalente (que desempenha diversas funções), que saiba atuar em diversas frentes, que esteja se aperfeiçoando constantemente e que saiba utilizar as novas tecnologias de informação e comunicação (BAUMAN, 2001). A partir disso, observamos que nas universidades os docentes frequentemente desempenham cada vez mais funções além das já tradicionais funções atribuídas a eles, há também um crescimento cada vez maior de docentes encarregados de funções administrativas.

Com o passar dos tempos e com o surgimento de novas condições de trabalho – massificação dos estudantes, divisão de conteúdos, incorporação de novas tecnologias, associação do trabalho em sala de aula com o acompanhamento do aprendizado em empresas –, as funções docentes passaram por um processo de ampliação e complexificação. Hoje, oficialmente, as universidades públicas atribuem aos professores quatro funções: o ensino, a pesquisa, a administração e a extensão. (LEMOS, 2011, pp. 105 – 106).

Devido á sobrecarga de trabalho e as cobranças por produtividade imposta a esses profissionais, eles se veem cada vez mais forçados a trabalhar fora do seu horário normal de trabalho para dar conta de tudo. Isso acaba causando um grande desgaste físico e emocional para esses trabalhadores, assim como também acarreta uma série de conflitos e dificuldades nas relações familiares. “É nesse quadro que as novas formas e instrumentos de trabalho invadem as casas dos professores, trabalhadores das 24 horas do dia [...]” (FIDALGO; FIDALGO, 2009, p. 106).

Em meio a isso tudo, a relação entre o professor e o aluno acaba ficando permeada por uma série de tensões e contradições porque as demandas institucionais da atualidade acabam exigindo que o professor priorize outras funções em detrimento do exercício de lecionar. O professor acaba sendo orientado mais para a pesquisa do que para o ensino, já que agora o sinônimo de um bom profissional é aquele que possui títulos em detrimento do exercício de lecionar. Isso

acaba sendo percebido pelos alunos que por sua vez, cobram mais dedicação do professor, fato que acarreta mais pressão para o desempenho do trabalho desse profissional. (LEMOS, 2011).

Fica claro que mudanças na forma de lecionar, nos conteúdos e um novo redimensionamento das metodologias utilizadas em sala de aula precisam ser atualizadas, mas também fica evidente que o problema não é apenas esse. É preciso de alguma forma lutar contra o processo imposto pelas políticas neoliberais que vem colonizando as universidades, que por sua vez pressionam os docentes a se submeterem a condições de trabalho cada vez mais precárias, mais intensas. Esse acúmulo de funções, esse profissional polivalente exigido na atualidade, tem gerado um professor alienado, onde a sua autonomia encontra-se cada vez nebulosa.

O CASO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA): A IMPLANTAÇÃO DO SIGAA E AS MUDANÇAS NO TRABALHO DOS DOCENTES

A UFPA vem nos últimos anos realizando uma série de mudanças na sua estrutura física e administrativa como objetivo de preparar a instituição para esse novo paradigma informacional pelo qual a sociedade e as instituições vêm passando. Criação de site oficial, instalação de pontos de wifi espalhados pelo campus, ampliação de velocidade da internet, treinamento de funcionários, e por fim, implantação de um novo sistema para gerir as atividades acadêmicas da instituição.

Em meio a esse contexto, em 2014 o Sistema de Informações para Ensino (SIE), ferramenta online que era utilizada na UFPA desde 2006, saiu do ar para a entrada do módulo de graduação do Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA). O SIGAA é centrado numa base de dados integrada, onde todos os sistemas compartilham uma base de dados comum, evitando, dessa forma, a replicação de dados, a redundância e a inconsistência na informação. Isso otimiza a coleta de dados para a tomada de decisões estratégicas pela Administração Superior. Além é claro, de trazer uma série de mudanças na rotina de professores e alunos.

O SIGAA é uma tecnologia *Web*. Ou seja, o sistema pode ser acessado de qualquer lugar e de qualquer dispositivo que possua acesso à internet (Notebook, Smartphone, Tablet, etc). Além de atender as necessidades burocráticas da instituição, o SIGAA traz outras possibilidades: ele pode ser utilizado por alunos e professores como um ambiente virtual de ensino e aprendizado. Um local aonde alunos e professores interagem por meio de fóruns de discussão onde é possível trocar informações, tirar dúvidas e compartilhar materiais.

Esses ambientes dinamizam o trabalho do docente. De forma interativa, o professor ensina e aprende. Nesses espaços, a função do professor é assumir um papel de mediador nesses fóruns de discussão, incentivando e propondo leituras para os alunos, auxiliando na construção de um conhecimento coletivo (LÉVY, 2010; MACHADO, 2013).

Durante o mês de setembro de 2016 foram entrevistados 8 docentes do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará (UFPA). As entrevistas foram realizadas com o objetivo de descobrir qual é a opinião desses profissionais em relação à implantação do SIGAA e como ele interferiu de forma direta na rotina de trabalho desses docentes trazendo uma série de desdobramentos que precisam ser investigados.

As entrevistas foram organizadas de forma semiestruturada e realizadas no “bloco A” do curso de Ciências Sociais da UFPA e no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) do qual a faculdade de Ciências Sociais faz parte. As dificuldades encontradas para a realização das entrevistas com um maior número de docentes se justifica, pois muitos deles alegaram falta de tempo/indisponibilidade para conceder as entrevistas, o que de certa forma acaba reforçando ainda mais a hipótese de que o trabalho docente está cada vez mais intensificado.

Mais abaixo, trago os resultados dessas entrevistas. Esses resultados apresentam uma grande importância, pois deixam claro as implicações que a modernização da Instituição com a introdução de novas tecnologias e novas formas de controle sobre o trabalho docente vem trazendo diversas consequências para a rotina de trabalho dos docentes, entre elas o processo de intensificação do trabalho.

Inicialmente foi perguntado aos docentes entrevistados, **qual é a opinião deles sobre o novo sistema (SIGAA) adotado pela instituição para gerir as**

atividades acadêmicas: 62% dos docentes entrevistados tem uma boa opinião referente ao SIGAA e já 38% dos docentes possuem uma opinião ruim em relação ao novo sistema

Os que acham que o novo sistema é bom ressaltam as várias utilidades que o SIGAA possui. Esse sistema se apresenta como uma plataforma dinâmica, com diversos recursos. De acordo com o relato de um dos docentes durante a entrevista, o SIGAA “[...] é uma plataforma dinâmica e interessante, mas falta a cultura do uso” (informação verbal)⁴. Essa “cultura do uso”, a qual o docente se refere, seria o “costume”, o fato da comunidade acadêmica ainda está se familiarizando com o novo sistema e ainda não utilizá-lo de forma a explorar todas as suas possibilidades.

O SIGAA possui uma vasta gama de utilidades entre as quais, ele pode ser usado inclusive como um ambiente virtual de aprendizagem. Por exemplo, existe no sistema, a opção de qualquer aluno ou professor criar um fórum, no qual esses sujeitos podem debater algum tema ou esclarecer qualquer dúvida dos alunos, neste ambiente virtual. Os entrevistados que possuem uma boa opinião em relação ao SIGAA, justificaram sua opinião ressaltando essa variedade de utilidades do sistema para outros fins, além dos burocráticos (lançamento de conceitos, abertura de turmas, realização de matrículas, etc).

Já os 38% de docentes que possuem uma opinião ruim em relação ao novo sistema, em sua maioria, concordam que o SIGAA possui muitas utilidades, mas apontam para outros fatores que impede que ele seja utilizado em toda sua potencialidade. Esses fatores apontados por eles vão desde problemas técnicos do sistema até a falta de treinamento básico dos professores para aprender a utilizá-lo da melhor forma.

Assim, foi perguntado aos professores **de que forma a implantação do SIGAA impactou na rotina de trabalho deles**. As respostas foram extremamente divididas: Metade dos entrevistados (50%) disseram que a implantação do SIGAA teve um impacto positivo no seu trabalho. Já a outra metade (50%) relatou que o SIGAA modificou sua rotina de trabalho de forma negativa.

⁴ Informação fornecida por docente durante entrevista realizada em Setembro de 2016

Alguns dos entrevistados confessaram que no momento em que foram comunicados sobre a implantação de um novo sistema na instituição no qual o próprio professor poderia lançar os conceitos diretamente no sistema, justificar as faltas, criar salas de aulas virtuais, entre outras possibilidades, houve um sentimento de otimismo por parte desses profissionais que seriam beneficiados com essas mudanças. Além disso, o fato do sistema ser *web*, ou seja: poder ser acessado de qualquer computador que possua acesso à Internet e um navegador, em qualquer lugar; não sendo mais necessário estar na UFPA para acessar o sistema. Para os professores isso significaria mais facilidade em relação a algumas burocracias da instituição. Isso significaria poder realizar esse trabalho a partir do conforto de casa ou de qualquer outra lugar fora do ambiente de trabalho.

Já para outros docentes, esse aumento de tarefas burocráticas, modificou a rotina deles negativamente. Eles relatam que, o aumento de funções como as que apenas o docente pode lançar o conceito dos alunos, fechar turmas às quais eles estão vinculados, entre outras coisas; é uma falsa autonomia dada ao professor. Isso seria uma forma de atribuir ainda mais trabalho para a rotina desses trabalhadores, jogando a responsabilidade de tarefas que eram exclusivas da administração da faculdade, para as “costas” desses profissionais.

O fato do sistema poder ser acessado de qualquer lugar ou aparelho que possua internet, representa um alargamento na rotina de trabalho desse profissional. A carga horária de trabalho do professor cresce, rompe as fronteiras do seu ambiente de trabalho e invade o seu momento de lazer, o seu descanso, sua casa. Em suma, é mais trabalho para o professor, que agora realiza algumas atividades em casa aonde teoricamente seria o seu local de descanso e lazer após um dia todo trabalhando em sala de aula ou dentro de um escritório. Além desses problemas, outro ponto para o qual os professores apontaram, foi a falta de treinamento. Eles alegam que a instituição não qualificou seus docentes, não lhes forneceu treinamento básico para utilizarem o novo sistema.

A partir daí, foi perguntado aos professores **se eles possuíam conhecimento acerca de algum curso que a instituição tenha ofertado para qualificar seus profissionais para utilizarem o SIGAA**. As respostas foram as seguintes: Cerca de 25% dos docentes afirmou que a UFPA oferta curso para a qualificação dos servidores da instituição, com o objetivo de treiná-los pra utilizar o

novo sistema. Mas segundo a maioria desses entrevistados, os cursos ofertados têm como público-alvo os técnicos administrativos e docentes que atuam na área administrativa. Já os outros 75% dos entrevistados, disseram que não sabem da existência de nenhum curso de treinamento básico para utilizar o SIGAA. Segundo eles, faltou mais comunicação entre o comando da instituição e o restante da comunidade acadêmica em relação à implantação do SIGAA. Faltou treinamento básico não só para quem atua na área administrativa, mas também para os docentes que lecionam nas salas de aula e que com essas mudanças de sistema da instituição, tiveram como consequência mais acúmulo de funções para desempenhar na sua rotina de trabalho, nesse caso, mais tarefas administrativas.

CONCLUSÃO

As transformações tecnológicas vividas pelos sujeitos na contemporaneidade representam não só a inserção de equipamentos e técnicas, mas também se manifestam na forma como os indivíduos estão vivendo e trabalhando essas transformações em suas relações cotidianas. Desse modo, as novas tecnologias estão presentes na nossa vida, no nosso trabalho e na nossa constituição como ser social.

A partir do momento em que a informação e o conhecimento começam a ser vistas como extremamente importantes para o desenvolvimento do capitalismo, as universidades passam a sofrer uma série de reestruturações orientadas por organismos internacionais com o objetivo de aumentar a produção científica e tecnológica dentro da academia. Assim, esses espaços de ensino passam a ser orientados e geridos através de uma lógica empresarial onde é priorizada a flexibilização das atividades e a produtividade.

Para aumentar a produtividade faz-se uso intenso de novas tecnologias e da intensificação das jornadas de trabalho. Nesse contexto, através de um discurso modernizador da educação articulado por organismos internacionais e a grande mídia os docentes acabam sendo seduzidos pelas promessas de flexibilidade espaçotemporal que as novas tecnologias possuem. O mundo do trabalho e da

educação na atualidade impõe que os profissionais exerçam diversas funções, se mantenham em constante processo de aprendizado para acompanhar o avanço tecnológico. A partir disso, observamos uma sobrecarga de funções atribuídas aos docentes, onde sua rotina de trabalho que engloba o ensino, a pesquisa e a extensão, agora, também sofre cada vez mais com o aumento de funções administrativas.

Em linhas gerais, a partir das entrevistas com os docentes do curso de Ciências Sociais, é possível constatar que a implantação do SIGAA na UFPA exemplifica um processo de precarização e intensificação do trabalho sofrido por professores em várias outras universidades espalhadas pelo país, pois o SIGAA já existe em outras instituições. Num primeiro momento, o SIGAA parece ser benéfico para o trabalho dos professores, mas com o decorrer do tempo, é possível constatar como esse sistema de gestão se mostrou nocivo para o dia-dia de trabalho dos docentes.

Em suma, o processo de intensificação do trabalho docente se caracteriza no aumento das tarefas desempenhadas por esses profissionais, na aceleração do ritmo de trabalho e do controle do seu trabalho por meio das novas tecnologias. É preciso de alguma forma lutar contra o processo imposto pelas políticas neoliberais que vem colonizando as universidades, que por sua vez pressionam os docentes a se submeterem a condições de trabalho cada vez mais precárias, mais intensas. Esse acúmulo de funções, esse profissional polivalente exigido na atualidade, tem gerado um professor alienado, onde a sua autonomia encontra-se cada vez mais incerta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Adriana; NATAL, Geórgia; VIANA, Lucina. **Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital**. In: Sessões do imaginário, Cinema, Cibercultura, Tecnologias da Imagem. Porto Alegre, número 20, dezembro de 2008, Famecos – PUCRS.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. **Sobre Educação e Juventude**: conversas com Ricardo Mazzeo/Zygmunt Bauman. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 17ª edição, 2016.

COSTA, Lorena. **“Professor sem feice é uma desgraça!”**: a relação entre docente e discente e suas extensões nas redes sociais online. 2015. 35f. Monografia (Trabalho de conclusão de curso em Ciências Sociais)-Curso de graduação em Ciências Sociais. UFPA. 2015.

FIDALGO, Fernando; OLIVEIRA, Maria Auxiliadora M; Fidalgo, Nara Luciene Rocha. **A Intensificação do Trabalho Docente**: tecnologias e produtividade. Campinas, SP: Papyrus, 2009.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Edições Loyola, 13ª edição, 2004.

KENSKI, Vani Moreira. **Novas tecnologias, o redimensionamento do espaço e do tempo e os impactos no trabalho docente.** Informática Educativa, vol 12, 1999.

LEMOS, André. **Cultura da Mobilidade.** Revista FAMECOS, Porto Alegre, nº 40, 2009.

LEMOS, Denise. **Trabalho Docente nas Universidades Federais: tensões e contradições.** CADERNO CRH, Salvador, v. 24, n. spe 01, p. 103-118, 2011.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: editora 34, 3ª edição, 2010.

MACHADO, Monike Caroline Zirke. **As tecnologias de informação e comunicação e os impactos na formação docente.** Revista do Dífere, v3, n.5, jun/2013.

SANTAELLA, Lucia. **Mídias locativas: a internet móvel de lugares e coisas.** Revista FAMECOS, Porto Alegre, nº 35, 2008.

VESCE, Gabriela Eyng Possolli. **As Mudanças no Mundo do Trabalho e o Discurso sobre Tecnologia no Contexto Universitário.** EDUCERE, 2008.

Disponível em:
http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/569_400.pdf. Acesso em: 06/10/2016